

PROF. FRANCISCO DE BORJA BATISTA DE MAGALHÃES FILHO

**ANOTAÇÕES PARA PALESTRA
PROF. CARLOS ARTUR KRÜGER PASSOS**

A) ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

- O Prof. Magalhães visto como um “exemplo de brasilidade”.

Brasilidade vista não apenas como amor a Pátria, mas como um sentimento nacionalista desejando-a não ser submetida a ingerência de outras nações, mas também indagando permanentemente dos valores humanos da igualdade, liberdade e fraternidade para desenvolver as habilidades individuais de cada cidadão.

Francisco de Borja Batista de Magalhães Filho nasceu no Rio Grande do Sul, chegou em Curitiba em 1955 para estudar Economia na UFPR.

Seu pai, Diplomata serviu por anos na Argentina onde Magalhães com ele viveu por três anos.

Em Curitiba enquanto estudava Economia, trabalhava na Secretaria de Estado da Fazenda. Após Formado em Ciências Econômicas, foi ao Chile para frequentar o Curso de Especialização em

Planejamento do Desenvolvimento Econômico na CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina, organismo da Organização das Nações Unidas.

Já no período de vida acadêmica se envolveu profissionalmente com esta temática, participando em diversas instituições públicas estaduais que foram os embriões do Projeto de Desenvolvimento Paranaense.

No retorno do Chile ingressou no magistério, por concurso público, na antiga Faculdade de Ciências Econômicas da UFPR.

No início dos anos 70, sendo seu mentor central, participa da criação do IPARDES e torna-se seu primeiro Presidente.

Depois da presidência do IPARDES é convidado para assumir junto ao IPEA na Diretoria do CEDEC, a responsável pela formação de técnicos capacitados para os órgãos de planejamento de todos os Estados da Federação e do próprio Governo da União.

Terminado essa missão em Brasília, faz seu Doutorado na USP e retoma suas atividades acadêmicas no Departamento de Economia da UFPR.

Assume o cargo de Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral do Paraná no período 1987 a 1991.

Participou como Conselheiro e Presidente do Conselho Regional de Economia do Paraná e Conselho Federal de Economia – COFECON.

Ao alogiarmos o CORECON-PR pela escolha do Professor Magalhães como designação ao Prêmio de suas monografias sabemos que o Professor Magalhães tinha nas atividades que desenvolveu o companheirismo de nomes como Karlos Heinz Rischbieter, Luiz Antônio de Camargo Fayet (ambos presidentes do BADEP cada um a seu tempo), Ario Taborda Dergint de Rawics, Romar Teixeira Nogueira (SEFA e UFPR), Carlos Augusto Cavalcanti Albuquerque, Mariano Matos Macedo, Augusto Cesar de Camargo Fayet, Maria Lúcia Urban, José Moraes Neto (todos IPARDES E UFPR), Adhail Sprenger Passos, Luis Roberto Nogueira Soares (Deputados Estaduais do Paraná e UFPR), e toda uma infindável plêiade de profissionais batalhadores pelo desenvolvimento econômico entendido isto como a expansão contínua e intersetorialmente diversificada de unidades industriais que afetam e induzam à expansão cruzada das atividades agrícolas, de transportes, de serviços, as as comerciais, as

tecnológicas, as de exportação, e todas com uma crescente complexidade, que era exatamente o que o Professor Magalhães descreveu como a progressiva montagem, a partir dos anos 50, de um projeto de desenvolvimento paranaense.

Assim, para além do círculo de idealizadores/promotores do desenvolvimento econômico, convém ao menos citar aqui os diversos organismos do Projeto de Desenvolvimento Paranaense tal como citados pelo Professor Magalhães.

O trabalho incansável do Professor Magalhães era e é ainda hoje reconhecido pelos seus companheiros e organismos da área de fomento econômico.

Notem como a ele se refere um dos mais profícuos Presidentes da Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP, Rodrigo da Rocha Loures (e também presidente da empresa Nutimental **S/A**), seu contemporâneo, que diz no prefácio pessoal da segunda edição da obra de Magalhães:

“História, política, sociologia, geografia e economia se entrelaçam continuamente ao longo do texto, bem como as abordagens estadual, federal e global. Uma clara demonstração de um livre pensador

adepto da economia política e do pensamento sistêmico que consegue captar e nos transmitir os movimentos mais relevantes da nossa história econômica regional.

Esta abordagem nos faz lembrar as análises da economia brasileira empreendidas por Celso Furtado e do mundo capitalista por Fernand Braudel. Ricos pensadores e escritores dos movimentos econômicos da sociedade moderna. Assim, no meu entendimento, Magalhães está para o Paraná como Furtado está para o Brasil e como Braudel está para o capitalismo global.”

Também este CORECON, através de seu Presidente, na pessoa do Professor José Moraes Neto, refere-se ao Prof. Magalhães nos seguintes termos:

“O cidadão, o professor, o economista e homem político viveu intensamente esta transformação do Paraná não apenas como observador da história. Viveu-a como formulador de projetos, como articulador de políticas e como formador de um corpo de técnicos capazes de propor e implementar as ações transformadoras da sua época.”

Mesmo mantendo-nos neste campo das questões do desenvolvimento econômico, a grandeza analítica do

Professor Magalhães aliado à sua enorme simpatia pessoal e de seus profundos conhecimentos, o tornaram uma figura humana de enorme reconhecimento no Paraná e em todo o Brasil.

O PROFESSOR DE ECONOMIA NA UFPR E EM TODOS OS LUGARES

O Professor Magalhães desde cedo, com muita leitura e dedicação aos estudos, acumulou um notável acervo de conhecimentos sobre a história da humanidade. E isto, antes mesmo de se tornar, por concurso público, Professor da UFPR na disciplina de História Econômica Geral e do Brasil.

E, mesmo nos quadros dos competentes e dedicados professores que a cada ano formavam os futuros contabilistas, administradores e economistas na então Faculdade da UFPR, logo Magalhães se destacou como alguém capaz de dirimir circunstâncias de explicações contraditórias.

Estas capacidades do Prof. Magalhães estão registradas em seu livro “História Econômica” o qual foi logo adotado como livro-texto na maioria das universidades brasileiras.

Este livro explica dinamicamente através dos dados, processos de produção e inserção nos mercados, os múltiplos interesses que os diversos e diferenciados grupamentos humanos progressivamente foram adotando e/ou abandonando na litania contínua da busca da sobrevivência humana através dos bens e serviços materiais necessários à continuidade da vida, a cada tempo e circunstâncias sempre variáveis.

Seus diversos artigos sobre o desenvolvimento estadual, nacional e sobre o processo de integração econômica da América Latina, em revistas paranaenses e de outros estados, mostram não só os benefícios, como as dificuldades políticas de alcançá-los. Muitos destes obstáculos continuam presentes ainda hoje.

Estas reconhecidas capacidades de explicar os fenômenos econômicos não se restringiam apenas aos ambientes acadêmicos, mas como todos constatamos estar presentes, sob outras formas e circunstâncias, onde quer que o Magalhães estivesse exercendo suas atividades.

Daí que nós, aqueles que tivemos o privilégio de termos sido seus alunos “conseguíamos ver em suas aulas os múltiplos personagens sociais agindo”.

E por isto, julgamos necessário acrescentar aqui uma observação: “o Professor Magalhães nunca deu aulas” ou melhor ainda, “todas as suas aulas eram conferências plenas.”

Depois de dedicar-se a sua tese de doutoramento – da Construção ao Desmanche – ele pretendia atualizar seu livro, incorporando os fenômenos mais recentes da economia brasileira e da geopolítica mundial; isto, entretanto, não lhe foi possível fazer, devido a sua doença e falecimento.

O ANALISTA TÉCNICO E A CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO PARANAENSE

Até o início da década de 1950 o Paraná era voltado, em termo sumários, às economias do mate, madeira e do café, e em poucas cidades haviam os serviços urbanos básicos e as atividades agroindustriais primárias ligadas àqueles produtos, e estas cidades entrelaçadas por escassa rede de transporte rodoviário e ferroviário.

Com algum atraso, mas decididamente a partir dos anos 60 o Paraná acelera a construção do Projeto de Desenvolvimento Paranaense.

Note-se que a sua proximidade com o centro dinâmico do país, a economia paulista, trazia contraditoriamente prjuízos e benefícios às atividades e investimentos privados.

Mas a dinâmica da economia paranaense nos anos 60, 70 e 80 foi fortemente promissora pelas mútuas e entrelaçadas conexões dinâmicas da agricultura, indústria e serviços.

Através da CODEPAR/BADEP e de um conjunto de organismos operadores de estímulo e organização setoriais específicos, que com maestria o Professor Magalhães a eles se referem como componentes estruturais do Projeto de Desenvolvimento Paranaense, a saber:

- PLADEP, Secretária de Planejamento, IPARDES
- CODEPAR, FDE-FUNDO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, BADEP.
- CAFE DO PARANÁ, COMPANHIA AGROPECÁRIA DE FOMENTO ECONÔMICO.
- FUNDEPAR, FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO PARANÁ
- SANEPAR, COMPANHIA DE SANEAMENTO DO PARANÁ.
- TELEPAR, COMPANHIA DE TELECOMUNICAÇÕES DO PARANÁ

- CELEPAR, COMPANHIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DO PARANÁ.
- COPEL, COMPANHIA DE ENERGIA ELÉTRICA.
- IAPAR, INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO PARANÁ.
- EMATER, EMPRESA DE ASSITÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

Note-se, entretanto, que este Projeto de Desenvolvimento Paranaense não se restringia apenas a Entidades do Governo Estadual, pois incorporava entidades “mistas” de todo gênero, tais como o SENAI, o SESI, a Federação das Indústrias e os respectivos Sindicatos Patronais e, ainda, as próprias empresas em programas múltiplos de formação e re-treinamento técnicos.

O ANALISTA SÊNIOR E A CRIAÇÃO DO IPARDES

Nos primórdios desta experiência do projeto industrial e havendo seu financiamento bancável, sendo assumidos pelas unidades produtivas privadas com os recursos do FDE administrados pela CODEPAR e em seguida pelo BADEP, as necessidades de expansão dos investimentos “apareciam” como que definidas pelas necessidades mais percebidas como possíveis bons negócios pelos empresários

individuais, sejam como ampliação das plantas industriais existentes, sejam como oportunidades de substituição de importações nacionais ou internacionais.

Mas para o Professor Magalhães surge logo a percepção de organizar o fomento do conjunto das atividades econômicas através do “planejamento global” ou, ao menos, “planos de desenvolvimento antecipatórios” das necessidades emergentes da própria industrialização.

Por exemplo, na metalurgia, a formação de metalúrgicos ? Quem faz?

Para as funções societárias gerais ou que ao menos transcendam aos esforços individuais de cada específico empresário, tornava-se necessário dotar os organismos públicos de responder a estas necessidades que extrapolavam às unidades produtivas individuais.

Esta teria sido a função básica a ser preenchida pela iniciativa da criação do IPARDES, ação que foi preenchida e liderada pelo Prof. Magalhães.

Magalhães como profissional economista com destacada visão macro-econômica era, de forma

ampla e totalmente reconhecido como brilhante analista das necessidades econômico-sociais da sociedade brasileira e em especial a paranaense onde atuou fecundamente.

Certamente nisto que ele realizou como técnico da CODEPAR/BADEP, como criador e primeiro Presidente do IPARDES e como Secretário de Planejamento, (além de professor na UFPR e palestrante/debatedor incansável), nisto tudo não atuou apenas individualmente pois que, ele mesmo sempre advertira, as mudanças estruturais de sociedades abertas não são individualizáveis, pois resultam de lideranças múltiplas capazes de mobilizar outros líderes para atuarem em mudanças sociais de grandes impactos.

AS ESTRUTURAS PRÓ DESENVOLVIMENTO E O SEU DESMANCHE

Com a argúcia que lhe era peculiar, Magalhães foi um dos primeiros a captar os efeitos nefastos da “imposição” neoclássica estabelecida por Reagan e Thatcher.

Sua obra Da Construção ao Desmanche é uma das mais precisas demonstrações da meticulosa destruição dos instrumentos públicos e os

público/privados de fomento da produção industrial e tecnológica, e destas para o conjunto da economia brasileira.

A China, cujo experimento de Deng Xiao Ping a partir dos anos 1980, começara já a sua admirável transformação produtiva, nós brasileiros passamos a destruir a nossa experiência promissora; a China estava criando o país com o maior “empresariado industrial do planeta”, e logo mais, talvez, em poucas décadas a sua maior economia.

Alguns economistas brasileiros talvez não saibam que entre 1975-1985 o Brasil recebeu inúmeras delegações chinesas interessadas em saber e capturar as formas como as entidades e/ou empresas públicas poderiam e estavam, através de ações mútuas e cruzadas com empresas privadas conseguindo alcançar desempenhos econômicos muito razoáveis. Inúmeros grupos de profissionais até 1995 visitaram o Paraná e o Brasil para obter soluções institucionais para o seu próprio desenvolvimento.

A IMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA E A SEMI-ESTAGNAÇÃO BRASILEIRA

Nos inícios dos 1980 os serviços secretos americano/britânico prepararam-se para eventos de alteração política na URSS, e qualquer que fosse a forma que tais alterações pudessem vir a ocorrer obterem benefícios na ordem geopolítica mundial.

Em 1991 a ordem tornou-se unipolar mas já antes disso mudanças políticas concretas na órbita capitalista passaram a ser utilizadas sob lemas como: sociedades de mercado, privatizações, “sinais indicadores de mercados” livres de considerações democráticas, extinção de reguladores sociais, coibir práticas sindicais, liberdade de assumir riscos empresariais e como ponto essencial a necessária extinção de uma imensa intervenção regulatória nos mercados que haviam sido gerados por políticas social-democráticas, ou pelo estado de bem estar ou ainda controles ambientais.

Quando o fim URSS veio melhor que a encomenda o mundo tornou-se “unipolar” por cerca de 25 anos, entre 1991 e 2016.

O desmanche do Projeto Paranaense de Desenvolvimento foi todo um conjunto de “redução de instrumentos de estímulos e de políticas concretas” que foram seguidamente “adotadas”, não sem muita discussão e debate políticos, levantados

pelo Professor Magalhães, mas cujo pináculo do desmanche foi o fechamento e extinção do BADEP e quase todos os demais bancos e instituições de fomento brasileiros.

Em imprecisa síntese, o Brasil e os países do quintal americano, como não dispomos recursos financeiros públicos e privados para financiar projetos de expansão produtiva estes que ao menos são projetáveis mas cujo retorno se darão a longos prazos, o Brasil, e o Paraná menos ainda não conseguem financiar aspectos da ciência e tecnologia aplicáveis empresarialmente, cujos riscos são de grande incerteza.

E como, também não temos os sistemas empresariais financiados em ciência e tecnologia e muito menos forças armadas “comprando” desenvolvimento de equipamentos bélicos, dificilmente conseguimos obter um lugar ao sol na presente revolução técnico científico industrial.

O Professor Magalhães usando sua própria nomenclatura – “O Desmanche” – previu cristalinamente aquilo que os brasileiros estão vivendo até hoje, qual seja, “a semi-estagnação

brasileira em todas as dimensões societárias” em nosso país.

O DOMINIO “ANTECIPADO” DO CAPITAL FINANCEIRO

Quarenta por cento do orçamento federal brasileiro de 2025, é, sem dúvida, a imensa maior parcela das despesas federais. Ela é constituída pelo pagamento dos juros da dívida interna federal. Muitos dizem que a dívida federal é grande, mas absolutament⁴e sob controle.

Mas, realmente, o problema maior do qual se trata reside nas absurdas taxas de juros pagas. Somos um país dominado pelo capital financeiro, ou seja, somos um país semi industrializado e já inteiramente voltado para a especulação financeira, a qual absorve os recursos públicos que deveriam financiar os sistemas educacionais, médicos, bem como os pesados investimentos infra estruturais, que nos fazem falta: (rodovias, ferrovias, aeroportos, água e esgoto, urbanização, etc.).

Isto para não se falar da impossibilidade de estruturar uma programação sólida de avanços do setor privado juntamente com os setores públicos nas áreas científico-tecnológicas de nosso tempo.

OUTRAS OBSERVAÇÕES DA RELAÇÃO JUROS E A DINÂMICA PRODUTIVA

- a. Explicitar que a taxa de juros imposta aos governos pelo capital financeiro especulativo é uma anomalia (taxa de inflação + rendimentos de 3% = +ou- 7%; taxa de jurosm garantida de 15%).
- b. Se a taxa de juros for mantida nestes absurdos 15% e seus entornos, isto não significa apenas que os impostos “ou seja, a carga tributária é pesadíssima” para os que pagam os impostos;
- c. Mas também e sobretudo que, dinamicamente todas ou quase todas “as atividades produtivas” que rendam menos que esta taxa de “juros garantidos “ pelo Estado Nacional passam a não ser economicamente viáveis;
- d. Todas as atividades que renderiam anualmente a inflação mais 3% (digamos 6% a 7% até os 15% hipotéticos) não são efetuadas, daí o crônico desenvolvimento anêmico do país.
- e. Isto sem falar da quase absoluta ausência na aplicação de recursos em pesquisa e desenvolvimento nas novas tecnologias (ligadas a computação), cujos riscos são de insuportável adoção aos capitais privados, e não podem ser

efetuados apenas como resultado de centros de pesquisa públicos e/ou universitários.

- f. Das 20 novas áreas tecnológicas que emergiram da quarta revolução técnico-científica o Brasil não desenvolveu quase nenhuma destas, salvo a aviação (EMBRAER) e algo em fármacos (vacinas), embora mantenha “alguma capacidade fantasma” em muitas destas novas áreas. [OBS.: As quatro revoluções industriais: 1ª (vapor/mecanização, séc. XVIII), 2ª (eletricidade/produção em massa, séc. XIX-XX), 3ª (informática/automação, meados do séc. XX) e 4ª (sistemas cibernéticos/Inteligência Artificial)]

O BRASIL E O PARANÁ NA SEMI ESTAGNAÇÃO

As opções: juros ?, ou investimentos industriais e seus serviços avançados de novas tecnologias.

O CORECON E SUAS MÚLTIPLAS NOVAS TAREFAS SOCIAIS